

## ENEIAS ENTRE DEUSES E O DESTINO: A TRAVESSIA DO MEDITERRÂNEO, UMA VIAGEM INICIÁTICA

Márcio THAMOS\*

**Resumo:** No Canto III da *Eneida*, o herói narra uma série de episódios fantásticos vividos durante a navegação pelo Mediterrâneo. O objetivo da viagem é descobrir justamente o objetivo da viagem, isto é, conhecer os desígnios do destino reservado aos troianos e, afinal, entender com clareza em que terras poderiam eles fundar uma nova cidade. O esclarecimento progressivo do *fatum* acarreta consequências para o amadurecimento de Eneias. É no decurso dessa viagem que ele se torna de fato um herói com a missão de fundar a nova Troia.

**Palavras-chave:** Canto III; *Eneida*; *fatum*; Virgílio.

**Abstract:** In Book III of the *Aeneid*, the hero tells a series of fantastic episodes he experienced while sailing across the Mediterranean. The aim of the journey is to discover the very purpose of the journey, that is, to know the designs of the destiny reserved for the Trojans and, in the end, to understand clearly what land they could build a new city on. The progressive elucidation of the *fatum* brings important consequences. It is in the course of this journey that Aeneas matures into a hero with the mission of founding the new Troy.

**Keywords:** *Aeneid*; Book 3; *fatum*; Virgil.

---

\* Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Faculdade de Ciências e Letras / UNESP - Câmpus de Araraquara. E-mail: [marcio.thamos@unesp.br](mailto:marcio.thamos@unesp.br).

## Introdução

O Canto III da *Eneida* é uma continuidade direta do II, quando o herói narra suas estórias, no banquete em Cartago, a pedido da rainha Dido. No Canto II, Eneias contava sobre a derrocada de Troia, quando os gregos tomam de assalto a cidade, a partir do famoso stratagem do cavalo de madeira; e, no III, ele fala sobre suas viagens pelo Mediterrâneo e as dificuldades enfrentadas, desde a fuga da cidade até a chegada à costa oeste da Sicília. Para efeito de contextualização rápida, eis o itinerário tortuoso dos troianos: inicialmente eles sobem para a Trácia, em seguida passam pela ilha de Delos, no meio do Mar Egeu, e descem para Creta; deixando a grande ilha, chegam às Estrófades, no Mar Jônio, e vão em direção ao Epiro, passando pela Caônia, de onde atingem o “salto da bota”, na península itálica, cortando o Mar Adriático, e seguem costeando a Sicília pelo sul para, então, subir a Drépano, ponto em que começa a narrativa *in medias res*, e de onde parte a frota, antes de enfrentar a tempestade no início do Canto I (*Vix et conspectu Siculae telluris in altum/ uela dabant laeti et spumas salis aere ruebant...*).<sup>1</sup>

Comentando a obra épica de Virgílio, Karl Büchner (1963, p. 416) faz notar um importante aspecto construído pela estrutura narrativa de episódios encadeados que caracteriza o Canto III: “Um crescendo na sucessão da viagem, isto é, um engenhoso desenvolvimento dos acontecimentos, pode ser visto no fato de que a vontade do *fatum*, que é o objetivo da viagem, aparece pouco a pouco, cada vez mais claramente”.<sup>2</sup> No decorrer do itinerário, descobre-se que, embora seja uma viagem só de ida, a empreitada constitui-se numa espécie de retorno às origens de Troia – os refugiados deveriam estabelecer-se na mesma região da Itália de onde viera um de seus antigos reis.<sup>3</sup>

A predestinação de Eneias para a continuidade de Troia já era conhecida dos deuses no Canto XX da *Ilíada*. E, no Canto II da *Eneida*, Heitor, em sonho, e a sombra de Créusa advertem diretamente o herói sobre a missão que lhe é reservada pelo destino. De todo modo, é necessário que o oráculo de Apolo desvele com clareza os desígnios do fado. Descobrir o objetivo da viagem torna-se, assim, o próprio objetivo da viagem, isto é, para alcançar seu intento, Eneias deve inteirar-se de onde e de que maneira poderiam estabelecer a nova Troia prometida pelos deuses. Esse esclarecimento progressivo do *fatum*, durante a travessia do Mediterrâneo, acarreta consequências para o amadurecimento do herói, que vai sendo então levado a imbuir-se da força divina que o impele e, assim, passa a assumir mais abertamente o seu papel.

Já na abertura do Canto III, Eneias conta como se deu a partida da frota, após a destruição da cidade (*En. III, 1-12*):<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> *En.*, I, 34-35: “Assim que se afastavam da Sicília/ rumo ao mar alto e alegres davam velas,/ rasgando a bronze a espuma e o sal das ondas”... (THAMOS, 2011, p. 330).

<sup>2</sup> *Un crescendo nella successione del viaggio, cioè un ingegnoso sviluppo degli avvenimenti, si può vedere nel fatto che la volontà del fatum, che è lo scopo del viaggio, appare a poco a poco sempre più chiaramente.* (A tradução das passagens de estudos em edições estrangeiras citadas no texto é de responsabilidade do autor deste ensaio).

<sup>3</sup> Eis o mito de Roma, que, sobre tais bases, no futuro, se constituirá como uma Nova (e invencível) Troia.

<sup>4</sup> A tradução dos trechos da *Eneida* aqui apresentados são de responsabilidade do autor deste ensaio; as citações em latim seguem invariavelmente o texto das edições *Les Belles Lettres* (VIRGILE, 1959), sempre em cotejo com a edição comentada por J. Conington (VIRGIL, 2011) e a edição crítica de G. B. Conte (VERGILIVS MARO, 2009).

Depois que d'Ásia<sup>5</sup> o poderio e a gente  
de Príamo,<sup>6</sup> que tal não merecia,  
aprouve aos altos deuses destruir,  
caiu Ílion soberba, e é só fumaça  
a netunina Troia<sup>7</sup> já no chão,  
sinais divinos fazem-nos buscar  
desertas terras e remoto exílio;  
e ao pé de Antandro, junto ao Ida frígio,<sup>8</sup>  
nossa frota ali mesmo construímos;  
desconhecendo aonde nos levasse  
ou onde nos daria pouso o fado,  
juntamos os guerreiros. O verão  
apenas começava e o pai Anquises  
mandava darmos logo vela aos fados.  
Choroso, deixo a pátria para trás  
– praias, portos, planície onde foi Troia.  
Assim, feito exilado, me dirijo  
ao mar com os companheiros e com o filho,  
e com os Penates e com os grandes deuses.<sup>9</sup>

Os sinais divinos, até então pouco esclarecidos, criando a atmosfera religiosa que envolve os acontecimentos; a vontade de um *fatum* ainda obscuro, e que, no entanto, deve ser seguido; a autoridade marcante de Anquises (o pai de Eneias), seu prestígio, como patriarca, sobre o grupo que se prepara para o exílio, bem como o choro pela pátria e a tocante menção aos companheiros, ao filho, aos Penates e aos grandes deuses – tudo, nesse início, são expressões de apreensão e de afeto que contextualizam o momento da partida e a situação em que se encontra o herói, pondo em relevo o máximo valor da *pietas* que o caracteriza (embora não se deva deixar de notar a contrariedade explicitamente expressa no início de sua fala com relação à sentença dos deuses). Nessa rápida descrição, atualiza-se, de certo modo, o sentido simbólico da imagem (construída no Canto II) de Eneias levando o pai nos ombros e o filho (chamado Ascânio ou Iúlo) pela mão, quando deixava para trás a cidade incendiada: o passado e o futuro de Troia dependem da travessia que então começa – a possibilidade de sobrevivência da cidade e de suas mais profundas tradições repousa na capacidade do herói para enfrentar perigos desconhecidos, mantendo viva, no presente que ele mesmo representa, a esperança dessa continuidade.

## O oráculo de Apolo e a aparição dos Penates

Lançando-se ao mar, de início, num movimento natural, eles seguem para a Trácia, pois tratava-se de uma terra próxima e, a princípio, aliada de Troia. Mas ali Eneias descobre por acaso a sepultura de Polidoro, o filho mais novo de Príamo, que, a fim de protegê-lo, o enviara para lá, carregado de riquezas. O jovem

<sup>5</sup> *Ásia*: por inclusão, designa Troia (sinédoque reversa, isto é, o todo pela parte).

<sup>6</sup> *Príamo*: o rei de Troia ao tempo da guerra.

<sup>7</sup> *A netunina Troia*: Netuno tomou parte na construção das muralhas da cidade.

<sup>8</sup> *Antandro*: cidade da frígia; *Ida frígio*: montanha da região de Troia (também se chama Ida, um célebre monte na ilha de Creta).

<sup>9</sup> *Postquam res Asiae Priamique euertere gentem/ immeritam uisum superis, ceciditque superbum/ Ilium et omnis humo fumat Neptunia Troia,/ diuersa exsilia et desertas quaerere terras/ auguriis agimur diuom, classemque sub ipsa/ Antandro et Phrygiae molimur montibus Idae,/ incerti quo fata ferant, ubi sistere detur,/ contrahimusque uiros. Vix prima inceperat aestas/ et pater Anchises dare fatis uela iubebat,/ litora cum patriae lacrimans portusque relinquo/ et campos ubi Troia fuit. Feror exsul in altum/ cum sociis natoque penatibus et magnis dis.*

príncipe, no entanto, havia sido ali assassinado por ambição do rei traidor. A própria voz do sepultado faz o espantoso relato ao herói e o exorta a fugir daquela terra.

Descendo pelo Mar Egeu, os troianos aportam na ilha de Delos, onde reina Ânio, amigo de Anquises. Ali, Eneias solenemente consulta o oráculo de Apolo. Ao pedir um presságio que indicasse a terra onde poderiam se estabelecer, o templo em torno estremece, e, então, os troianos, prostrados no chão, ouvem esta voz (*En.* III, 94-98):

Fortes dardânidas, a mesma terra  
que da estirpe dos pais vos deu origem  
vos há-de receber no seio fértil.  
Regressando, buscai a antiga mãe.  
Lá a casa de Eneias reinará  
de costa a costa em toda a região  
e os filhos de seus filhos que virão.<sup>10</sup>

Destaque-se aqui, antes de tudo, a expressão “fortes dardânidas” (*dardanidae duri*), com que a voz divina se dirige aos troianos. Se bem repararmos, já estava dada aí a chave para a interpretação do oráculo: o patronímico “dardânidas” sublinha explicitamente a origem dos troianos como descendentes de Dárdano, um antigo rei da região de Troia, que, de acordo com a lenda itálica, em tempos remotos deixara a Itália central e se estabelecera na Frígia; sendo assim considerado um ancestral dos troianos. Desse modo, o oráculo aconselhava que eles fizessem uma espécie de volta às próprias origens, indicando a Itália, de onde viera Dárdano, como a terra que generosamente os receberia – a “antiga mãe” (*antiquam matrem*). Nessa passagem, é importante notar, também, que a voz do oráculo confirma a liderança de Eneias, referindo-se explicitamente a ele como o varão responsável, a partir de sua linhagem (“a casa de Eneias”, *domus Aeneae*), pelo estabelecimento definitivo dos troianos naquela nova terra. Cabe ainda esclarecer que Assáraco é o elo ascendente que liga Eneias diretamente a Dárdano – ao mesmo tempo que o afasta da linhagem do impiedoso rei Laomedonte.<sup>11</sup> Anquises, o sábio ancião, no entanto, na euforia provocada por tais palavras e apressando-se em interpretá-las, recorda-se de Teucro, um outro rei ancestral na constituição de Troia,<sup>12</sup> mas que, por sua vez, viera de Creta. E para esta ilha seguem os dardânidas, acreditando terem deduzido a (nem tão) obscura mensagem do oráculo.

Em Creta, Eneias funda uma nova cidade, Pergameia, e ali os troianos começam a se reorganizar em comunidade, deixando para trás as agruras de um exílio incerto, até que surge de repente uma peste que arrasa com as plantações, espalhando fome e doença entre o povo – sinal iniludível de que aquela terra não correspondia à indicação do oráculo. Anquises aconselha retornarem a Delos a fim de pedirem novamente o favor de Febo. Mas, adiantando-se ao conselho do

---

<sup>10</sup> *Dardanidae duri, quae uos a stirpe parentum/ prima tulit tellus, eadem uos ubere laeto/ accipiet reduces. Antiquam exquirite matrem./ Hic domus Aeneae cunctis dominabitur oris/ et nati natorum et qui nascentur ab illis.*

<sup>11</sup> No Canto I da *Eneida*, o bisavô de Eneias já era mencionado, no discurso de Júpiter a Vênus, quando o grande deus se refere à anexação da Grécia ao Império romano como uma espécie de revanche dos troianos sobre os gregos (*En.*, I, 283-285): “[...] Lustris decorridos,/ enfim um novo tempo chegará,/ em que a casa de Assáraco há-de impor/ a Ftia o jugo e à célebre Micenas,/ além de Argos vencida dominar” (THAMOS, 2011, p. 201-202). Cf. também o quadro genealógico referente a Dárdano (GRIMAL, 2000, p. 112).

<sup>12</sup> Onde o patronímico “teucros”, também aplicado com frequência aos troianos, na *Eneida*.

patriarca, durante a noite, envoltos numa atmosfera onírica, os Penates troianos aparecem para Eneias e tais palavras lhe dirigem (*En.*, III, 154-162):

O que em Ortígia<sup>13</sup> Apolo te diria,  
aqui ele anuncia de antemão  
e à tua própria casa nos envia.  
Incendiada a Dardânia, nós seguimos  
a ti e às tuas armas, nós cruzamos  
o mar soberbo sob o teu comando;  
aos teus netos ainda a glória eterna  
e à cidade um império nós daremos.  
Prepara os grandes muros para os grandes  
e da longa viagem não desistas.  
Deves mudar: Apolo não mandou  
que te estabelecesses nestas praias,  
não foi Creta que Délio<sup>14</sup> aconselhou.<sup>15</sup>

Nessa passagem, cabe ressaltar o fato de que aparecerem os Penates justamente para Eneias reforça sua condição de herói escolhido pelo destino. Mas sobretudo, importa destacar como extremamente significativa na fala divina a expressão “incendiada a Dardânia” (*Dardania incensa*). Note-se, que, na voz oracular, a referência à cidade destruída não se faz por um de seus designativos mais comuns e frequentes na *Eneida*, como “Troia” ou “Ílion”, mas exatamente pelo nome derivado de “Dárdano”, evocando assim, outra vez, a figura do rei ancestral que migrara da Itália para a Frígia, o que reitera a chave para a interpretação do oráculo recebido anteriormente em Delos.<sup>16</sup>

Em seguida, os Penates explicitam ao herói a mensagem do oráculo, indicando nominalmente a Itália como a terra a ser buscada pelos troianos (*En.* III, 163-171):

Hespéria é como os gregos denominam  
a terra antiga e fértil, forte em armas,  
que os colonos enótrios<sup>17</sup> habitaram;  
mas, do nome de um rei,<sup>18</sup> segundo dizem,  
Itália agora passam a chamá-la:<sup>19</sup>  
teremos casa ali, dali vieram  
Dárdano e Iásio, pais de nossa gente.<sup>20</sup>  
Levanta e leva alegre ao velho pai  
a seguinte sentença indubitável:

---

<sup>13</sup> *Ortígia*: antigo nome da ilha de Delos (a ilha flutuante de Ortígia, estéril e despovoada, foi a única terra que aceitou receber Latona quando esta, grávida de Apolo e Diana, filhos de Júpiter, sofria cruel perseguição de Juno; após o nascimento dos gêmeos, Ortígia é fixada no Egeu, tornando-se a partir de então conhecida como Delos).

<sup>14</sup> *Délio*: Apolo, nascido na ilha de Delos.

<sup>15</sup> *Quod tibi delato Ortygiam dicturus Apollo est,/ hic canit et tua nos en ultro ad limina mittit./ Nos te Dardania incensa tuaque arma secuti,/ nos tumidum sub te permensi classibus aequor,/ idem uenturos tollemus in astra nepotes/ imperiumque urbi dabimus. Tu moenia magnis/ magna para longumque fugae ne linque laborem./ Mutandae sedes. Non haec tibi litora suasit/ Delius aut Cretae iussit considerare Apollo.*

<sup>16</sup> Sem pretender fugir ao escopo deste artigo, vale a pena aqui sublinhar, como fato tradutório, o interesse em não substituir aleatoriamente certos nomes que ocorrem no texto por sinônimos que nem sempre preservam nuances de significado contextualmente expressivas.

<sup>17</sup> *Enótrios*: os mais antigos habitantes do sul da Itália.

<sup>18</sup> *Do nome de um rei*: Ítalo.

<sup>19</sup> Esses versos iniciais da passagem aparecem, sem qualquer variação, na fala de Ilioneu à rainha Dido, pedindo proteção aos troianos, em Cartago, após sofrerem a tempestade que abre a narrativa (cf. *En.*, I, 530-533).

<sup>20</sup> Dárdano e Iásio eram irmãos; em tempos remotos deixaram a região da Itália central e se estabeleceram na Frígia; são considerados ancestrais dos troianos.

o Córito<sup>21</sup> ele busque e ausônias terras;<sup>22</sup>  
Campos do Dicte<sup>23</sup> Júpiter te nega.<sup>24</sup>

Informado sobre tal intervenção divina, Anquises reconhece logo o engano, puxando, então, pela memória as predições da infortunada profetisa Cassandra (*En.*, III, 184-188):

Agora lembro que ela predizia  
o que era reservado à nossa raça  
– muitas vezes a Hespéria<sup>25</sup> mencionava  
e mencionava a Itália muitas vezes.  
Mas quem iria crer que os teucros fossem  
para as praias da Hespéria? E a quem Cassandra  
como vidente então convenceria?<sup>26</sup>  
Sigamos Febo e seu melhor conselho!<sup>27</sup>

Sutilmente, na passagem, percebe-se como a liderança do herói vai se firmando ao longo dos acontecimentos. A sabedoria do ancião confirma a revelação recebida pelo filho, e a dificuldade inicial na interpretação do oráculo se resolve, enfim, com a aparição dos Penates para Eneias. Essa intervenção sobrenatural muda o curso da ação e define o objetivo da viagem. Agora, confiantes na posse de uma interpretação segura para a mensagem de Apolo, os troianos partem de Creta em busca, finalmente, da Itália.

### Na ilha das Harpias, uma terrível profecia

Contudo, tão logo alcançam o alto mar, os navegantes enfrentam uma longa e violenta tempestade, que os deixa três dias sem rumo certo, perdidos na cerração. Chegam, enfim, às Estrófades, ilhas do Mar Jônio, onde habitam as Harpias, aves divinas, porém, repugnantes e cruéis. Ali, os troianos encontram rebanhos de bois e cabras sem pastor, abatem alguns animais e preparam um banquete. Mas, por duas vezes, são atacados pelas Harpias, que lhes estragam todo o alimento, e decidem, então, fazer guerra contra as aves (*En.*, III, 242-244):

Mas elas nem sequer os golpes sentem  
nas asas e no corpo, e em fuga breve  
pelos ares a carne regurgitam  
e deixam para trás dejetos torpes.<sup>28</sup>

<sup>21</sup> *Córito*: monte situado na Etrúria, antiga região da Itália central, junto à cidade homônima depois chamada Cortona; segundo a tradição, é de onde procedia Dárdano.

<sup>22</sup> *Ausônias terras*: a Itália (que recebe o antigo nome de Ausônia).

<sup>23</sup> *Campos do [monte] Dicte*: sinédoque para Creta (o Dicte é uma montanha no leste da ilha).

<sup>24</sup> *Est locus, Hesperiam Grai cognomine dicunt, / terra antiqua, potens armis atque ubere glabrae; / Oenotri coluere uiri; nunc fama minores / Italiam dixisse ducis de nomine gentem: / hae nobis propriae sedes, hinc Dardanus ortus / Iasiusque pater, genus a quo principe nostrum. / Surge age et haec laetus longaeuo dicta parenti / haud dubitanda refer: Corythum terrasque requirat / Ausonias; Dictaea negat tibi Iuppiter arua.*

<sup>25</sup> *Hespéria*: designa "as terras do Ocidente"; no contexto da *Eneida*, refere-se à Itália.

<sup>26</sup> Apolo amava Cassandra e lhe dera o dom da profecia; mas sendo por ela repellido, retirou de suas palavras o dom de convencer.

<sup>27</sup> *Nunc repeto haec generi protendere debita nostro / et saepe Hesperiam, saepe Itala regna uocare. / Sed quis ad Hesperiae uenturos litora Teucros / crederet? aut quem tum uates Cassandra moueret? / Cedamus Phoebos et moniti meliora sequamur.*

<sup>28</sup> *Sed neque uim plumis ulla nec uolnera tergo / accipiunt, celerique fuga sub sidera lapsae / semesam praedam et uestigia foeda relinquunt.*

Então, um grave acontecimento se dá, que deixa a todos consternados (*En.*, III, 245-258):

Celeno, profetisa da desgraça,  
pousou sozinha no alto da montanha  
e assim vociferou solenemente:  
"Guerra – além de matar os nossos bois  
e abater os novilhos –, uma guerra,  
filhos de Laomedonte,<sup>29</sup> nos trazeis,  
pretendendo expulsar do pátrio reino  
inocentes Harpias?<sup>30</sup> Pois, ouvi,  
tais palavras no espírito guardai  
– o pai onipotente assim predisse  
a Febo e Febo Apolo a mim, que sou  
das Fúrias a maior e vos revelo:  
buscais a Itália e, aos ventos suplicando,  
podereis adentrar da Itália os portos;  
não cingireis, no entanto, de muralhas  
a esperada cidade concedida  
antes que dura fome como paga  
da injúria e da violência vos obrigue  
a devorar com a boca as próprias mesas!"  
Dizendo assim, voou para a floresta.<sup>31</sup>

A profecia de Celeno prevê uma penosa punição aos troianos por terem eles ousado investir contra aves que, a despeito de serem hediondas, afinal, são deusas. O terror simbólico imposto pela figura da Harpia se revela, logo após sua fala, num detalhe de descrição da cena, assim captado por Joël Thomas (1981, p. 89) ao analisar estruturas do imaginário na *Eneida*: "[...] a floresta é o lugar dos demônios, das forças do mal, e não nos surpreendemos que as Harpias tenham encontrado ali um refúgio; depois de suas profecias de desgraça, Celeno fugiu para a mata".<sup>32</sup> Daí a prostração dos troianos, que então, apavorados, com súplicas e votos, pedem paz, motivando a piedosa intervenção do patriarca, antes de se afastarem dali (*En.* III, 263-267):

E o pai Anquises, estendendo as mãos,  
na praia invoca as grandes divindades  
e prescreve os devidos sacrifícios:  
"Tais ameaças, deuses, impedi;  
tal desventura, deuses, afastai;  
com bondade os piedosos protegei!"  
Cordame e amarras manda então soltar.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> *Filhos de Laomedonte*: um insulto aos troianos, uma vez que Laomedonte, antigo rei de Troia, era famoso por sua iniquidade.

<sup>30</sup> Habitando ilhas no meio do mar, as Harpias, descendentes de divindades marinhas, estariam em sua própria pátria.

<sup>31</sup> *Vna in praecelsa consedit rupe Celaeno, / infelix uates, rumpitque hanc pectore uocem: / "Bellum etiam pro caede boum stratisque iuuencis, / Laomedontiadae, bellumne inferre paratis / et patrio Harpyias insontis pellere regno? / Accipite ergo animis atque haec mea figite dicta, / quae Phoebus pater omnipotens, mihi Phoebus Apollo / praedixit, uobis Furiarum ego maxima pando. / Italiam cursu petitis uentisque uocatis: / ibitis Italiam portusque intrare licebit. / Sed non ante datam cingetis moenibus urbem / quam uos dira fames nostraeque iniuria caedis / ambas subigat malis absumere mensas". / Dixit, et in siluam pennis ablata refugit.*

<sup>32</sup> [...] la forêt est le lieu des démons, des forces malfaisantes, et nous ne sommes pas surpris que les Harpyes y aient trouvé un refuge; après ses prophéties de malheur, Celaeno s'enfuit dans les bois.

<sup>33</sup> *Et pater Anchises passis de litore palmis / numina magna uocat meritosque indicit honores: / "Di, prohibete minas; di, talem auertite casum / et placidi seruare pios". Tum litore funem / deripere excussosque iubet laxare rudentis.*



Fogem rápido dali, divisando diversas ilhas do Mar Jônio, ao norte das Estrófades. Passam por Ítaca – e maldizem a terra de Ulisses; alcançam as praias de Ácio, onde permanecem até o fim do inverno, e ali celebram jogos pátrios, em breve temporada de alívio.

## Conselhos do adivinho Heleno

Costeando depois o litoral do Epiro, os troianos adentram o porto da Caônia, rumo à cidade de Butroto, onde surpreendentemente encontram Andrômaca, a viúva de Heitor, e Heleno, o sacerdote de Apolo, filho de Príamo, que, ao fim da guerra, tinham sido levados como escravos de Neoptólemo, o filho de Aquiles. Mas agora os dois viviam ali, como rei e rainha, numa pequena cidade por eles mesmos erguida como uma réplica em memória de Ílion, uma “Troia pequenina” (*paruam Troiam* – *En.*, III, 349). Tal encontro é tão inusitado que provoca uma estranha reação de Andrômaca, conforme a narrativa de Eneias, ainda no início do episódio (*En.*, III, 306-313):

Assim que me avistou e, transtornada,  
viu as armas de Troia que chegavam,  
diante do prodígio, estarecida,  
gelou com tal visão, perdeu a cor.  
Desmaia e, a custo enfim, depois murmura:  
“A mim, filho da deusa,<sup>34</sup> me apareces,  
mensageiro fiel, fiel imagem?  
Estás vivo ou, se acaso a luz da vida  
te abandonou, por onde vaga Heitor?”  
Falou assim e em pranto se desfez,  
enchendo de clamores o lugar.<sup>35</sup>

Após uma breve estada, em ambiente amistoso e cheio de comoções, o herói, já de partida, pede a Heleno seus conselhos divinos. Da longa fala do vate, destaque-se aqui alguns trechos bastante significativos com respeito à consecução do *fatum*, como este, que relata o famoso presságio da porca e alude à profecia de Celeno, comentada ainda há pouco (*En.*, III, 388-395):

Direi os sinais, guarda-os na memória:  
quando em meio a inquietudes encontrares  
deitada à beira de isolado rio,  
debaixo de azinheiras, uma porca  
enorme e branca, recostada ao chão,  
trinta cabeças do recente parto,  
a cria toda branca, em torno às tetas  
– eis que a cidade aí enfim será,  
eis o repouso certo dos trabalhos.  
E de morder as mesas não te assustes:  
os fados um caminho encontrarão,  
e, ao ser chamado, Apolo ajudará.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> Como se sabe, o herói é filho de Vênus.

<sup>35</sup> *Vt me conspexit uenientem et Troia circum/ arma amens uidit, magnis exterrita monstros/ deriguit uisu in medio, calor ossa reliquit;/ labitur et longo uix tandem tempore fatur:/ “Verane te facies, uerus mihi nuntius adfers,/ nate dea? uiuisne? aut, si lux alma recessit,/ Hector ubi est?” Dixit, lacrimasque effudit et omnem/ impleuit clamore locum. [...].*

<sup>36</sup> *Signa tibi dicam, tu condita mente teneto:/ cum tibi sollicito secreti ad fluminis undam/ litoreis ingens inuenta sub ilicibus sus/ triginta capitum fetus enixa iacebit,/ alba, solo recubans, albi circum ubera nati,/ is locus urbis*



Deparar-se com essa grande porca branca com seus trinta filhotes recém-nascidos seria o sinal dado pelos deuses de que Eneias tinha finalmente encontrado o lugar onde a cidade deveria ser fundada. É esse um símbolo de fecundidade e abundância para a futura cidade troiana,<sup>37</sup> que receberá o nome de Lavínio. A profecia de Heleno se concretiza ainda no início do Canto VIII, quando, já no Lácio, Eneias avista de fato a porca e reconhece o sinal, depois de ter sido advertido em sonho pelo Tibre de que se daria, enfim, a revelação tão esperada.

E a referência a “morder as mesas”, que retoma a angustiante profecia da Harpia, resolve-se antes, no Canto VII, quando os troianos, finalmente chegando ao Lácio, depois de adentrarem a foz do Tibre, fazem, na praia, uma refeição improvisada e, na relva, colocam os alimentos sobre uma massa estendida, espécie de bolo de trigo. E, estando eles ávidos e com fome ainda, acabam por comer tudo, inclusive a massa que ia por baixo dos alimentos. Ascânio, então, reparando nisso, diz, num gracejo: “até as mesas devoramos?” (*etiam mensas consumimus?* – *En.*, VII, 116). Eneias imediatamente percebe nessa fala do filho, brincadeira inocente de criança, a confirmação das palavras alentadoras do adivinho. A inicialmente terrível profecia da Harpia Celeno, sem deixar de se realizar, concretizara-se, no entanto, de uma forma amena, conforme as previsões de Heleno: as mesas foram comidas de fato, mais isso se dera sem nenhuma grave consequência – o *fatum* encontrara, assim, uma maneira de acomodar os acontecimentos.

Para destacar apenas uma outra passagem da fala do adivinho, cite-se aqui um trecho de seus conselhos que ele mesmo faz questão de sublinhar como fundamental (*En.*, III, 433-440):

Além disso, se Heleno, como vate,  
algum mérito, algum saber possui,  
se Apolo com verdades me enche o peito,  
isto, filho da deusa, e apenas isto,  
te direi e direi, lembrando sempre:  
adora especialmente a grande Juno,  
a Juno, de bom grado, entoa preces  
e rende a poderosa soberana  
rendendo-lhe oferendas suplicantes:  
é como vencerás, chegando à Itália  
após deixar as terras da Trinácia.<sup>38</sup>

A deusa que persegue implacavelmente os troianos, desde os duros tempos da guerra, é justamente a quem Eneias deve sempre e sobretudo reverenciar... Não deixa de ser uma grande prova de sua *pietas* o fato de que aquela porca branca com as trinta crias, que no Canto VIII será encontrada como um sinal divino para indicar o local da fundação da cidade prometida, seja sacrificada e oferecida pelo próprio herói em honra de Juno. Vê-se, em tais exemplos, como o Canto III

---

*erit, requies ea certa laborum./ Nec tu mensarum morsus horresce futuros:/ fata uiam inuenient aderitque uocatus Apollo.*

<sup>37</sup> Cf. Thamos, 2011, p. 253-254.

<sup>38</sup> *Praeterea, si qua est Heleno prudentia, uati,/ si qua fides, animum si ueris implet Apollo,/ unum illud tibi, nate dea, proque omnibus unum/ praedicam et repetens iterumque iterumque monebo:/ Iunonis magnae primum prece numen adora,/ Iunoni cane uota libens dominamque potentem/ supplicibus supera donis: sic denique uictor/ Trinacria finis Italos mittere relicta.*

Trinácia: um nome poético para a Sicília, em alusão a seus três promontórios.

se articula significativamente com o todo da obra e continua ecoando ao longo da narrativa.

Instruídos pelos conselhos de Heleno, os troianos navegarão até a Sicília, sabendo evitar perigos tremendos, como a passagem pelo estreito de Cila e Caríbdis. E, junto ao Etna, ainda acolherão na frota Aquemênides, um companheiro do próprio Ulisses, que lutara na Guerra de Troia, ali esquecido, na terra dos temíveis Ciclopes. Ao final de um longo e pungente relato que lhes fazia o grego, Eneias conta que de repente chegou à praia onde estavam o próprio gigante Polifemo (*En.*, III, 666-668):

Nós, tremendo de medo, recolhemos  
o súplice, que bem o merecia,  
e em silêncio cortamos as amarras  
para fugir dali varrendo o mar,  
dobrados sobre os remos insistentes.<sup>39</sup>

E assim o herói encerra a narrativa de suas viagens, dirigindo-se à rainha Dido, na noite do banquete em Cartago (*En.*, III, 707-715):

Enfim, me acolhe o porto e a triste praia  
de Drépano,<sup>40</sup> onde, após ter suportado  
tamanhas tempestades pelo mar,  
perdi meu pai Anquises, ai!, o alívio  
de todos os meus males e aflições.  
Ali me deixas só, querido pai,  
de tão grandes perigos salvo em vão.  
Nem Heleno, que horrores predissera,  
desse desgosto então me preveniu,  
nem a cruel Celeno em seus presságios.  
Foi esta a provação extrema e o termo  
de uma longa viagem. Ao partir,  
um deus me fez chegar às vossas praias.<sup>41</sup>

Antes de encerrar essa parte, faça-se aqui uma breve reflexão: parece significativo que a morte do patriarca Anquises se dê justamente ao final do périplo pelo Mediterrâneo, na ilha da Sicília, antes de os troianos alcançarem a península itálica (e sobre esse fato tão aflitivo para o herói, o vidente Heleno, como é compreensível, se calara): simbolicamente, o passado de Troia fica para trás, e uma etapa importante da missão de Eneias se completa; desde então, a esperança no presente, com o restabelecimento da cidade no Lácio, agora já tão próximo, está definitivamente encarnada na figura do herói, em conformidade com o que seria a vontade do *fatum*.

## Considerações finais

Retornando à citação de Büchner, na Introdução deste trabalho, podemos compreender que o motivo do Canto III é o esclarecimento paulatino daquilo que

---

<sup>39</sup> *Nos procul inde fugam trepidi celerare recepto/ supplice sic merito tacitique incidere funem,/ uertimus et proni certantibus aequora remis.*

<sup>40</sup> *Drépano*: cidade da costa oeste da Sicília.

<sup>41</sup> *Hinc Drepani me portus et inlaetabilis ora/ accipit. Hic pelagi tot tempestatibus actus/ heu, genitorem, omnis curae casusque leuamen,/ amitto Anchisen. Hic me, pater optime, fessum/ deseris, heu, tantis nequiquam erepte periclis!/ Nec uates Helenus, cum multa horrenda moneret,/ hos mihi praedixit luctus, non dira Celaeno./ Hic labor extremus, longarum haec meta uiarum./ Hinc me digressum uestris deus appulit oris.*

seria de fato o objetivo da viagem, isto é, o conhecimento progressivo de qual seria “a vontade do *fatum*” – o que torna bastante significativo o encadeamento dos episódios narrados por Eneias. Na parte inicial da viagem, tentando se fixar em terras que não correspondiam aos desígnios do destino, primeiro na Trácia e depois em Creta, os troianos navegam à vela solta, sem dificuldades. E, no entanto, quando já estão de posse da informação correta, tendo sido corrigida a interpretação do oráculo, é justamente aí que a frota enfrenta uma longa tempestade, ao dirigir-se para o alto-mar, tornando-se o herói uma espécie de brinquete nas mãos dos deuses, lançado assim por terras e por mares.<sup>42</sup> Em seguida, aportam por acaso na ilha das Harpias, onde têm de ouvir a obscura profecia de Celeno, que lhes abate o ânimo. São circunstâncias como essas que ressaltam um importante caráter da viagem: seu sentido de provação – o que acaba por reforçar a capacidade do herói de resistir estoicamente às adversidades, mantendo sempre a virtude da *pietas* e a obediência ao *fatum*.<sup>43</sup>

É nesse progressivo e difícil esclarecimento da missão de Eneias, na constância dessa busca pela consecução do destino, que se pode notar a completude do Canto III e sua verdadeira função e significado na composição da obra. Não se trata de um livro de viagens aventurescas. Lembrando ainda uma vez Büchner (1963, p. 415), “Em vez disso, deveríamos chamá-lo de o ‘livro da procura’. Como tal, tem um significado simbólico, não como símbolo do não humano, mas como símbolo da determinação com que o homem se adapta a uma tarefa histórica”.<sup>44</sup> Essa busca gera ao mesmo tempo expectativa e aflição, mantendo a dúvida e alimentando o desejo de superação das incertezas: eis a maior aventura vivida durante toda a viagem. Uma aventura humana.

Como característica básica da epopeia, é notável que

Ao lado dos deuses olímpicos, o herói épico pode defrontar-se com outros entes sobrenaturais - Sereias, Ciclope, Circe, por exemplo - como se depreende da leitura da *Odisseia*. Estes encontros funcionam como verdadeiras provas iniciáticas indispensáveis à ascensão do homem comum à categoria de herói. (PESSANHA, 1992, p. 38).

A travessia do Mediterrâneo, isto é, a ação de penetrar em um mundo misterioso, desconhecido e violento, constitui uma verdadeira iniciação para Eneias, que por sua constância e determinação é alçado, afinal, a uma nova condição, em que se confirma o seu *status* de líder perante o grupo: é no decurso dessa viagem que ele se torna de fato um herói e assume com clareza a missão de fundar a nova Troia. Trata-se realmente de uma viagem iniciática.

Assim, quando se nota que, no Canto III, Eneias está se qualificando como um “varão assinalado” (para usar aqui uma expressão que nos conecta com nossa tradição épica), é interessante notar, justamente no final da viagem, a prova da *humanitas* e a da *pietas*, que se colocam em seu caminho: o resgate de Aquemênides, um grego que não é tratado como inimigo, mas, ao contrário, amistosamente incorporado à tripulação; e a morte de Anquises, sobre a qual

<sup>42</sup> É no Canto III que conhecemos muito daquilo que, na proposição do poema, em poucos versos se resume (I, 3-4): “Ao mar e a outras terras muitas vezes/ a violência dos deuses o lançou/ por causa do cruel rancor de Juno” (THAMOS, 2011, p. 327).

<sup>43</sup> Como o próprio Eneias dirá a Dido, ao abandoná-la em Cartago (*En.*, IV, 361): “Não busco a Itália por vontade própria” (*Italiam non sponte sequor*).

<sup>44</sup> *Si dovrebbe piuttosto chiamarlo il “libro della ricerca”. In quanto tale ha un significato simbolico, non in quanto simbolo del non umano, bensì come simbolo della determinazione, con cui l'uomo si viene adattando ad un compito storico.*

Eneias nada nos conta, mas faz apenas um rápido registro, no final de seu relato, deixando claro que a dor profunda o impede de falar, ao mesmo tempo que assim revela todo o seu amor filial. Desse modo, na generosidade retratada no resgate do grego, outrora um inimigo de guerra, e na dignidade emotiva significativamente sublinhada na breve menção à morte do pai, o final do Canto III ressalta as maiores qualidades de Eneias, que se firma como o herói da *humanitas* e, sobretudo, como o herói da *pietas*.

THAMOS, M. Aeneas between gods and destiny: crossing of the Mediterranean, an initiatory journey. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 208-219, 2022.

## Referências

BÜCHNER, Karl. *Virgílio*. Trad. Gino Cecchi (Edizione italiana a cura di Mario Bonaria). Brescia: Paideia, 1963.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4ª ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PESSANHA, Nely Maria. Características básicas da epopeia. In: APPEL, Myrna Bier; GOETTEMES, Míriam Barcellos (org.). *As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Movimento-SBEC, 1992, p. 30-38.

THAMOS, Márcio. *As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida*. São Paulo: Edusp, 2011.

THOMAS, Joël. *Structures de l'imaginaire dans l'Énéide*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

VERGILIVS MARO, P. *Aeneis*. (Recensuit atque apparatus critico instruxit Gian Biagio Conte). Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

VIRGIL. *Aeneid Books III-VI (Conington's Virgil)*. (Text and commentary on the *Aeneid* Books III-VI by John Conington reproduced from Volume II of *The Works of Virgil*, fourth edition revised by Henry Nettleship). Exeter, UK: Bristol Phoenix, 2011.

VIRGILE. *Énéide* (livres I-VI). 9<sup>e</sup> éd. (Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort). Paris: Les Belles Lettres, 1959.

VIRGILE. *Énéide* (livres VII-XII). 6<sup>e</sup> éd. Texte établi par René Durand et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1957.